

VILA RUBIM

AJ 20155

Cyro Denaday



O corre-corre pelos preços baixos

**Reduto de emergência
para os consumidores**



Apesar de ser considerada uma área própria e dirigida à classe média baixa, a Vila Rubim — principalmente o trecho compreendido entre as avenidas Cleto Nunes e Duarte Lemos — já não é mais a mesma. Ao contrário do que muita gente acredita, seu comércio atrai hoje uma parcela considerável de consumidores, de todas as classes sociais.

E não é para menos. Lá, o luxo e a estética verificados nas lojas convencionais do centro da cidade e que consequentemente majoram o preço dos produtos, são inexistentes. Quando encontrados, podem ter certeza, foi mera coincidência. Sem precisar andar muito, uma variedade de mercadorias pode ser encontrada às vezes numa mesma loja.

Passado

A imagem da Vila Rubim de hoje é um mero reflexo do que o bairro foi no passado, quando marginais da Ilha do Príncipe e do Morro do Quadro se misturavam entre consumidores e comerciantes das suas principais avenidas. Seu comércio então, atendia basicamente à classe média baixa. A burguesia e a elite preferiam as áreas "nobres" da rua Sete de Setembro e adjacências.

Não sabiam o que estavam perdendo ao alijar a Vila Rubim de seus rotários. Ainda naquela época, cerca de dez anos atrás, a Vila Rubim já era conhecida como o local onde poderia se encontrar "aquilo em que nos outros locais não era vendido". Ou seja, depois de pesquisar todo o comércio de Vitória, restava a Vila Rubim, onde fatalmente o produto desejado seria encontrado. Mas, sempre a Vila Rubim era colocada como última opção.

A marginalização da área, somada ao fato do local nunca ter tido uma maior atenção da Prefeitura, transformou a Vila Rubim num bairro por si só discriminado. Mesmo a sua adaptação aos moldes do centro de Vitória, então crescida e ampliada, não modificou muito a imagem do bairro, apesar de não apresentar mais algumas das características, que o deixaram "famoso".

Variedades

O exotismo da Vila Rubim começa com o nome de suas lojas. Não existe uma preocupação com estética ou bom gosto. O que interessa, e isso é unânime entre os comerciantes, é um nome que atraia os consumidores. Para is-

A Vila Rubim é um dos locais mais nobres de Vitória. Não se trata de ironia, mas do ponto de vista da versatilidade, autenticidade e preços baixos, realmente, a Vila Rubim é o que poderia ser classificado de uma feira "arrumadinha", como a denominou "seu" Olegário Rangel, morador da Vila há 32 anos. E como toda feira, de tudo dá. Na Vila Rubim, uma variedade de mercadorias vem atraindo a classe média alta pela qualidade e pelo custo de seus produtos. Agora, contando com um policiamento permanente, deixou de ser aquele local onde se reuniam marginais e desocupados, em busca de um "lucro" fácil. Por outro lado, sua infra-estrutura não vem acompanhando seu novo ritmo. Poças de lama são quase permanentes, assim como as cascas de frutas e legumes. Estes são, entre outros, alguns fatores que deixam o bairro ainda como uma área discriminada pela grande maioria dos capixabas, mesmo sendo consumidores habituais e disfarçados.

so, é imprescindível que tenha um apelo popular, e, sendo assim, dirigido para a classe que faz maioria entre seus consumidores: a média baixa.

Mercadão dos Tecidos, Armazém do Povo, Casa Tudo, Loja São Benedito e outras, são lojas típicas do comércio da Vila Rubim. Assim como a variedade entre os nomes é uma marca fundamental de suas lojas, os produtos seguem o mesmo estilo. Realmente tudo pode ser encontrado entre as avenidas Duarte Lemos e Cleto Nunes.

Principalmente entre as lojas que seguem a linha doméstica, uma variedade de mercadorias pode ser adquirida a preços razoáveis. Jogos de louça a Cr\$ 3,5 mil com seis unidades, bojos e lustres a Cr\$ 2 mil, fogareiros,

pratos, panelas, espumadeiras, material de pesca, rolo de massa de pastel, jogos de facas, copos, xícaras, lâmpadas e fios podem ser comprados numa só loja.

E tem mais. Nas lojas da Vila Rubim, produtos comumente expostos nas principais vitrines das lojas da Rua Sete, por exemplo são encontrados em algum canto qualquer por um preço muito abaixo. E não são só produtos de qualidade inferior. Ao contrário, as marcas são as mesmas das lojas das áreas "nobres," do centro da cidade.

Sapatos, lojas de confecção, artigos para crianças, senhoras, roupas masculinas, ferragens, couros e outros, são produtos que, mesmo tendo casas especializadas, são frequentes em quase todas as lojas da Vila Rubim.

Quem tem um pouquinho mais de tempo e disposição para vasculhar as lojas poderá encontrar uma camisa de Pierre Cardin por um preço tentador, ou então um jogo de porcelana por Cr\$ 6 mil cruzeiros.

Antiguidades

E não são apenas mercadorias de utilidade que podem ser encontradas. Para quem gosta de antiguidades, a Vila Rubim é um tesouro. Pratos esmaltados, bules de ferro, moringas decoradas são algumas das inúmeras mercadorias espalhadas pela Vila Rubim.

Também quem gosta de decoração tem nas lojas da Vila Rubim um excelente comércio. Se, por um lado, algumas mercadorias têm uma utilidade específica, para determinada camada da população, para um público também exótico, elas servem de decoração, como é o caso de Paulo Augusto Machado:

— Na Vila Rubim, tem cada coisa ótima para decorar uma casa. Têm umas coisas tão bonitas que só lá mesmo a gente encontra e essas coisas eu gosto de ter em casa. É o caso de um joguinho de xícaras, esmaltado e pintado com flores, que é um estouro.

No seu caso, a Vila Rubim, serve para atender as suas excêntridades, mas para muita gente é lá que a crise se torna mais suave, pois o preço dos seus produtos realmente são muito mais abaixo do resto do comércio de Vitória. Rosemary Oliveira Diniz, residente na rua José de Anchieta, no Parque Moscoso, conta que há muito vem comprando nas lojas da Vila Rubim:

— Eu descobri a Vila Rubim há aproximadamente dois anos, quando uma amiga comprou uma blusa igual à minha em uma loja de lá por um preço muito inferior à minha, que tinha comprado no centro da cidade. A marca era a mesma e a diferença de preço girava em torno de Cr\$ 1,5 mil, uma grande diferença para a época. Depois disso, passei a visitar as suas lojas e comprei que tudo que existe na rua Sete, Graciano Neves, e imediações, a gente encontra na Vila, por um preço muito mais baixo.

De lá para cá, Rosemary Diniz, conta que "não sabe o que é comprar em outro local, a não ser na Vila Rubim". Às vezes, disse ela sorrindo, um produto que desperta seu interesse é visto primeiramente em alguma loja sofisticada do centro da cidade, "mas, depois, eu vou e procuro esse mesmo produto na Vila Rubim". Nem sempre ela encon-

tra, é claro, mas, "sempre tem algo semelhante".

Policiamento

A instalação de uma guarita policial na avenida Duarte Lemos modificou sensivelmente o quadro diário verificado nas imediações. "O policiamento ajudou bastante. Já não tem mais aquela turma de vagabundos que ficava rondando por aqui", disse Givanildo Pedro Nascimento, proprietário da loja Armazém do Povo.

Na sua opinião, a fiscalização direta dos policiais vem deixando a Vila Rubim um local menos discriminado e por isto mesmo os consumidores se sentem mais seguros em fazer compras no local. Mesmo que a guarita, do seu ponto de instalação, não observe todas as imediações da Vila Rubim, a simples presença dos guardas traz maior tranquilidade entre os comerciantes.

Da mesma opinião é o proprietário da loja São Benedito, Armando Gonçalves, que vê na ação policial um fator de segurança e estabilidade para a Vila Rubim. Depois de sua instalação, como asseguram os comerciantes, a guarita policial passou a representar uma ameaça para aqueles que se aproveitavam da aglomeração existente nas ruas, para efetuar um roubo ou assalto.

Isso já não se vê mais na Vila Rubim, pelo menos não com a mesma frequência verificada antes. "Houve uma época em que muitos marginais — alguns até bem conhecidos da Polícia — ficavam rondando o dia inteiro. Você não vê mais isto. Agora eles preferem se esconder lá pela Ilha do Príncipe ou pelo Morro do Quadro", conta "seu" Olegário Rangel, morador da Vila Rubim há 32 anos.

Aglomeração

Se por um lado, o comércio da Vila Rubim é farto na variedade de suas mercadorias e com preços baixos, por outro, não é fácil o consumidor se locomover entre suas estreitas calçadas, aglomeradas pelos usuários das vias Planeta e Alvorada, que fazem ponto naquele local. Alguns comerciantes consideram benéfico, do ponto de vista econômico, o fato de haver no local um ponto de ônibus.

"Ajuda sim, disse Givanildo Nascimento. As pessoas ficam esperando o ônibus e dão uma olhadinha nas mercadorias. "Outros comerciantes não têm o mesmo ponto de vista. Givanildo Nascimento e vêem na aglomeração que se forma nas cal-

çadas um modo de impedir o livre trânsito dos consumidores.

— Quando está fazendo sol, quem está esperando ônibus quase entra nas lojas. A mesma coisa é quando está chovendo. Tem gente que quer entrar na loja e não consegue de tantas pessoas que ficam na porta — assinalou Maria do Carmo Batista, da loja Mercadão das Confeções, acrescentando que, nos dias de chuva, quando um ônibus passa, a água é quase jogada dentro das lojas.

O acúmulo de pessoas costuma deixar as calçadas das avenidas Cleto Nunes e Duarte Lemos completamente sujas. A reclamação dos comerciantes é que a Prefeitura de Vitória não vem dando a devida atenção à Vila Rubim, conforme observou Armando Gonçalves:

— Tem que começar a fazer uma limpeza no próprio mercado. Tem esgoto aberto, cascas de bananas e laranjas pelo chão, e muita sujeira. Isso atrapalha o comércio, do mesmo modo que o barulho afugenta os consumidores.

Barulho

Em matéria de barulho, a Vila Rubim é um caso particular no comércio de Vitória. Mamulengues fantasiados ornamentam as ruas, atraindo os consumidores e divulgando as principais ofertas das lojas. Givanildo Nascimento diz que esta técnica — que emprega na sua loja — na verdade não contribui muito para aumentar as vendas.

— Emprego mais um cara desse para ajudá-lo. É uma graninha que ele recebe — disse Givanildo Nascimento, argumentando que se assim o faz, "é para ajudar mais um desempregado". Já o proprietário da Loja São Benedito, Armando Gonçalves, abomina essa técnica, que no seu entender, denigre a imagem da Vila Rubim, ainda instável.

"Isso não resolve nada. Quem contrata esses homens pensando que vai atrair fregueses está enganado. O efeito desse tipo de propaganda é contrário. Tem muita gente que se sente envergonhada de entrar numa loja com aquela pessoa fantasiada gritando nos seus ouvidos. Isso tinha de ser proibido".

De qualquer forma, isto faz parte da Vila Rubim, como acredita "seu" Olegário Rangel. Para ele, a Vila Rubim é isso: a menor preocupação com as convenções, com a estética e com os padrões. Se assim não fosse, jamais seria o ponto tradicional e genuinamente capixaba que é mesmo. protestos da oligarquia da Ilha.